

# A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA EM ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

ITAMAR DE MORAIS NOBRE  
SEBASTIÃO GUILHERME ALBANO DA COSTA  
ALICE OLIVEIRA DE ANDRADE  
(ORGS.)

**VOL. 1**

**A  
CONSTRUÇÃO  
DA PESQUISA  
EM ESTUDOS  
DA MÍDIA  
E PRÁTICAS  
SOCIAIS**



## **Universidade Estadual da Paraíba**

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | *Reitor*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Reitor*



## **Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Luciano Nascimento Silva | *Diretor*

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Editor Assistente*

Cidival Moraes de Sousa | *Editor Assistente*

### **Conselho Editorial**

Luciano do Nascimento Silva (UEPB)

Antônio Roberto Faustino (UEPB)

Cidival Moraes de Sousa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Antônio Guedes Rangel Junior (UEPB)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

### **Conselho Científico**

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittello (UNIPA / IT)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UEPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UEPB)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)



**Editora filiada a ABEU**

## **EDITORIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500  
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

Itamar de Moraes Nobre  
Sebastião Guilherme Albano da Costa  
Alice Oliveira de Andrade  
(*Organizadores*)

**A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA  
EM ESTUDOS DA MÍDIA E  
PRÁTICAS SOCIAIS**

 **eduepb**  
Campina Grande-PB  
2017

**Copyright © EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da lei nº 9.610/98.

**Projeto gráfico e editoração eletrônica**

John Willian Lopes

**Revisão textual**

Dos autores

**Conselho Científico**

Beatriz Corrêa Pires Dornelles (PUC-RS)  
Betânia Maciel (Facipe)  
Cristina Schmidt Silva Portéro (UMC)  
Iury Parente Aragão (Uneb)  
Karina Janz Woitowicz (UEPG)  
Marcelo Pires de Oliveira (UESC)

Marcelo Sabbatini (UFPE)  
Maria Érica de Oliveira Lima (UFC)  
Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos (Facipe)  
Severino Alves de Lucena Filho (UFRPE)  
Suelly Maria Maux Dias (UFPB)

**Autores**

Alice Oliveira de Andrade  
Camila Priscila Lopes  
Carolina Aires Mayer  
Caroline Cruz  
Celly Sayonara Soares Maia  
Ciro José Peixoto Pedroza  
Dilson Florêncio Rodrigues  
Felipe Gibson Cunha  
Fernanda Gabriela Gadelha  
Francisco José da Silva Rocha Filho  
Geilson Fernandes de Oliveira  
Itamar de Moraes Nobre  
John Willian Lopes  
Kalianny Bezerra de Medeiros  
Kassandra Lima

Marcelo Rodrigo da Silva  
Maria Beatriz Silva de Andrade  
Maria das Graças Pinto Coelho  
Maria do Socorro Furtado Veloso  
Maria Helena Braga e Vaz da Costa  
Mariana Lemos de Moraes Bezerra  
Moabe Breno Ferreira Costa  
Rafael Marques Garcia  
Rafaela Bernardazzi Torrens Leite  
Ranilson de Oliveira Silva  
Sebastião Guilherme Albano  
Taianne de Lima Gomes  
Thays Helena Silva Teixeira  
Valquíria Aparecida Passos Kneipp  
Veruza de Moraes Ferreira

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004  
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

---

N754 A construção da pesquisa em estudos da mídia e práticas sociais [livro eletrônico]. / Itamar de Moraes Nobre, Sebastião Guilherme Albano, Alice Oliveira de Andrade. (Organizadores). - Campina Grande: EDUEPB, 2017.

8904 kb. - 430 p. : il.

Modo de acesso: Word Wide Web <http://eduepb.uepb.edu.br/e-books/>

**ISBN: 978-85-7879-447-7**

**ISBN E-BOOK: 978-85-7879-446-0**

1. Teoria da Comunicação. 2. Práticas sociais. 3. Estudos da mídia 4. Pesquisa. 5. Metodologias. I. Nobre, Itamar de Moraes. II. Albano, Sebastião Guilherme. III. Andrade, Alice de Oliveira. IV. Título.

---

## **A FOLKCOMUNICAÇÃO COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA: A INSERÇÃO NOS PERIÓDICOS ACADÊMICOS NO CONTEXTO DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL**

*Alice Oliveira de Andrade*

*Francisco José da Silva Rocha Filho*

*Itamar de Moraes Nobre*

Reflete-se sobre a Folkcomunicação como ciência contra-hegemônica, de acordo com o conjunto de intervenções epistemológicas e teóricas das Epistemologias do Sul (SANTOS; MENEZES, 2010). Fundamentamos nossa reflexão através de um mapeamento quantitativo em revistas científicas, com Qualis A1, B1, B2 e B3, na classificação Comunicação e Informação, no portal de periódicos da CAPES ([www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br)). A estratégia metodológica adotada na pesquisa foi o estado da arte associado à pesquisa bibliográfica. Conclui-se que a Folkcomunicação pode ser enquadrada como uma ciência pós-colonial que ocupa um espaço de resistência no campo científico, tendo em vista a quantidade reduzida de publicações nesses periódicos. Dessa forma, pode ser considerada como uma área de estudo emergente e que se propõe a ser tradutora do pensamento e manifestações populares, visando o estímulo a novas formas de produção do conhecimento científico.

## Introdução

Os estudos das teorias da Folkcomunicação são voltados para a tradição da cultura e conhecimentos gerados no meio popular e sua relação com os meios de comunicação de massa. Anunciado em 1967, o termo surgiu a partir da tese de doutorado de Luiz Beltrão. A palavra Folkcomunicação é a interface entre o Folclore e Comunicação, sendo definida por Beltrão (1980, p. 24) como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

Na sua iniciativa Beltrão já levou em consideração que a comunicação não é feita apenas nos âmbitos comerciais, intelectual e erudito; mas também inclui nesse contexto as manifestações e formas populares de produção conhecimento, diálogos informais da cultura de massa e disseminação de informações culturais, pois exercem influência significativa no processo de construção da comunicação, de um modo geral. A partir dessa reflexão, observa-se que os estudos ligados à Folkcomunicação estão cada vez mais frequentes, uma vez que o desenvolvimento de novas tecnologias, aliado ao crescente processo de Globalização, proporciona que a disseminação cultural de diferentes populações seja cada vez mais facilitada. Assim, as relações entre comunicação de massa e cultura popular tornam-se objeto de análise de diversos estudos ao redor do mundo.

Para não adotarmos um pensamento tão simplista da relação entre o folclore e a comunicação, por exemplo, corroboramos com as considerações de Schmidt, ao esclarecer que:

Na terminologia Folkcomunicação entram dois termos que merecem distinções, são eles folclore e comunicação. O folclore é o objeto de estudo e a comunicação é a área de conhecimento, dentro das ciências humanas, que fornece os referenciais teóricos e metodológicos. A teoria da Folkcomunicação abarca os processos comunicativos não hegemônicos voltados para a comunicação com um mundo em múltiplos processos. (SCHMIDT, 2007, p. 34).

No contexto apresentado necessitamos discernir que o campo do folclore deve ser o espaço no qual o pesquisador da Folkcomunicação se debruça para compreender e traduzir as formas de comunicação existentes para que os resultados não sejam confundidos com as pesquisas antropológicas. O foco da pesquisa será o processo comunicacional envolvendo o fenômeno estudado.

A fim de contextualizar a nossa pesquisa, para oferecer mais subsídios para o entendimento sobre a Folkcomunicação e suas características, nos guiamos a partir de uma problematização, cuja inquietação foi compreender: Como tem sido a penetração da Folkcomunicação nas revistas científicas, quais A1, B1, B2 e B3? Esse resultado surgiu como recorte da pesquisa Intitulada: *Itinerário Intelectual sobre a fotografia na Folkcomunicação*, inserido no projeto de pesquisa Cartografia do Conhecimento Científico sobre a fotografia na Folkcomunicação,<sup>1</sup> que visou selecionar quantitativamente os trabalhos desenvolvidos dentro da temática de fotografia e Folkcomunicação, concomitantemente, mas ampliamos o nosso campo de pesquisa. A primeira etapa da pesquisa foi realizada em 2014 e o objeto de estudo teve caráter plural, visto que se tratou de diversas revistas científicas na área da Comunicação, coletados na aba de consulta webQualis da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior ([qualis.capes.gov.br](http://qualis.capes.gov.br)) com *Qualis* B1 e B2, com recorte nas produções nacionais.

O objetivo inicial da pesquisa, da qual essa proposta foi recortada foi fazer um mapeamento sobre os estudos científicos relacionados à fotografia, como interface e estratégia metodológica, no campo da Folkcomunicação, de modo a aprofundar o conhecimento sobre o tema para aplicá-lo nas atividades ligadas ao ensino, à pesquisa e extensão, tanto na Iniciação Científica (graduação) quanto na pós-graduação.

---

1 Desenvolvida e financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PROPESQ/UFRN), sob a coordenação e orientação do prof. Dr. Itamar de Moraes Nobre.

Por considerarmos o estudo relevante, a fim de ampliarmos os nossos conhecimentos e contribuir com a divulgação científica na Rede Folkcom, aumentamos a abrangência da nossa investigação para os anos 2015 e 2016, dessa vez com o objetivo de discutir a inserção da Folkcomunicação – considerada a primeira teoria da Comunicação brasileira – nas revistas científicas brasileiras e refletir os resultados a partir do diálogo com as Epistemologias do Sul na perspectiva de Boaventura de Sousa Santos.

### **Folkcomunicação: uma ciência de resistência**

Ao apresentar, em 1967, a sua tese de doutorado, Luiz Beltrão introduziu a teoria da Folkcomunicação no Brasil, definida por ele como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001, p.79). Os debates promovidos por Beltrão sobre a teoria da Folkcomunicação e os demais marcos teóricos desenvolvidos a partir de seu pensamento são objetos de estudo de diversas investigações científicas, formando elos nacionais e internacionais de pesquisa. Como exemplo de estruturação desses estudos, podemos citar a Rede Folkcom e seus diversos eventos na área<sup>2</sup>; a Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação, por meio do grupo de trabalho (GT) *Comunicación Intercultural y Folkcomunicación*<sup>3</sup>; e a Congresso Ibero-Americano de Comunicação (IBERCOM), no GT *Velhos e novos media: Folkcomunicação, Mass e Web Media* e a INTERCOM<sup>4</sup>.

A comunicação de massa levada em consideração pela Folkcomunicação não se limita as informações difundidas na televisão ou rádio, mas também reflete as representações culturais de determinada par-

---

2 Disponível em: <<http://www.redefolkcom.org/>>

3 Disponível em: <<http://alaic.org/site/grupos-de-trabalho/gt1-comunicacao-intercultural-e-folkcomunicacao/>>

4 Disponível em: <<http://www.assibercom.com/>>

cela da sociedade. Nessa ciência, analisa-se como ocorre o processo de disseminação de informações na cultura popular.

Nesse viés, Beltrão (1980), em seus estudos, apontou relações entre a comunicação de massa e a cultura popular, o folclore e costumes dos povos. A partir daí, é possível notar que esse novo cenário, de crescentes mudanças e trocas simbólicas, também pode ocasionar significativas adaptações da cultura para que possa ser inserida no contexto atual.

Quando se refere à expressão comunicacional de grupos que estão à revelia das práticas sociais vigentes, a linha de pensamento Beltriana classifica-os de três maneiras: grupos urbanos marginalizados, grupos rurais marginalizados e grupos culturalmente marginalizados. O autor define este último como: “Constituem-se de indivíduos marginalizados por contestação à cultura e organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia e/ou política contraposta a ideias e práticas generalizadas da comunidade” (BELTRÃO, 1980, p.103).

Dessa forma, esses grupos desenvolvem meios de resistência cultural, caracterizando-se como contra-hegemônicos, conforme Nobre e Gico (2015). Considerar as expressões folclóricas de grupos marginalizados como forma de comunicação e colocá-las no centro de debates acadêmicos é, perceptivelmente, uma expressão contra-hegemônica da ciência. A partir desse raciocínio, pretendemos refletir sobre a Folkcomunicação como uma expressão contra-hegemônica no âmbito das Epistemologias do Sul, levando em consideração a inserção da teoria de Luiz Beltrão nas revistas científicas da classificação *Comunicação e Informação*, da área de avaliação dos periódicos CAPES<sup>5</sup>.

Para essa discussão, consideramos que na obra *Um discurso sobre as Ciências*, Boaventura de Sousa Santos apresenta a crise do paradigma científico dominante, o qual se refere ao modelo de racionalidade

---

<sup>5</sup> Consulta disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>

epistemológico totalitário, valorizador da quantificação, cujo objetivo era conhecer e dominar a natureza. Nesse modelo, o conhecimento do senso comum era descartado, dando lugar à observação sistemática dos fenômenos naturais. Com o surgimento da teoria da Relatividade de Einstein, o paradigma dominante entra em crise, reconfigurando as ideias de espaço e tempo.

O autor, então, advoga o surgimento do paradigma emergente, fundamentado em quatro premissas: 1º) todo conhecimento científico-natural é científico-social; 2º) todo conhecimento é local e total; 3º) todo conhecimento é autoconhecimento; 4º) todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. Conforme esse último ponto, a ciência dominante desprezava o conhecimento do senso comum por considerá-lo superficial. A ciência pós-moderna, no entanto, valoriza a ligação entre as diversas formas de conhecimento para orientar as ações científicas e promovendo o autoconhecimento.

A proposta das Epistemologias do Sul também abarca essa vertente. Essa corrente aborda alternativas à linha de pensamento dominante que suprime culturas para impor um conhecimento universal. Santos e Meneses (2009) propõem um conjunto de intervenções epistemológicas que exaltam os saberes os quais conseguem resistir à dominação. As Epistemologias do Sul defendem o diálogo entre conhecimentos (ecologia dos saberes) e condenam o colonialismo que suprime culturas (conhecimento do Norte). Para Santos e Meneses (2009, p.12), trata-se de:

(...) conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos.

Epistemologia refere-se à construção de conhecimento. Sob a ótica dos autores, a epistemologia, ao mesmo tempo em que ajuda nas delimitações e conceituações, também reduz as possibilidades de

diálogo entre o conhecimento considerado válido e o “popular”. O reconhecimento de pluralidade do conhecimento é defendido pelas Epistemologias do Sul, valorizando os saberes suprimidos pelo conhecimento dominante do Norte, por essa razão “Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul” (SANTOS; MENESES, 2009, p.19).

A sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer. Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha (SANTOS; MENESES, 2009, p.25).

Como exemplo do trecho acima, podemos citar a teoria da Folkcomunicação. Apesar do crescimento dos estudos relacionados a essa temática, percebemos, conforme apresentaremos mais adiante, que a teoria Beltraniana ainda é publicada em revistas científicas em um número reduzido em relação a outros assuntos. A Folkcomunicação abarca o âmbito do conhecimento popular e, por essa razão, ainda não é tão disseminada sob o prisma de abordagem científico quanto outras teorias.

As lógicas hegemônicas de construção científica, no contexto ao qual nos referimos, são as temáticas corriqueiras dos artigos nas revistas científicas da área da Comunicação e Informação, tais como: estudos do jornalismo, audiovisual e Cibercultura. Não classificamos, portanto, seu conteúdo como positivista, mas levamos em consideração sua presença majoritariamente quantitativa nos periódicos acadêmicos em comparação com a Folkcomunicação.

A discussão das Epistemologias do Sul e o possível diálogo com a Folkcomunicação foi tema de artigo publicado na Revista Internacional de Folkcomunicação pelos pesquisadores Nobre e Gico (2015). No trabalho, os investigadores apontam características da Folkcomunicação que vão de encontro aos preceitos da Folkcomunicação. Vejamos:

A compreensão sobre a Folkcomunicação no contexto das episte-

mologias do sul pode ser elucidada no entendimento desta como uma linha de pensamento que tende a se opor ao epistemicídio, em linhas gerais, nas suas proposições teóricas, reflexivas e divulgadoras do pensamento popular, das mensagens geradas pelos ativistas midiáticos como um retrato da cultura local, regional; tendo como aporte de conhecimento o repositório tradicional, popular e alternativo do cantador de viola, do repentista, do cordelista, do negro, do índio, do trabalhador rural e urbano, entre outros diversos líderes de opiniões senão superando, mas oportunizando a visibilidade e a distribuição nos meios mais apropriados a essa geração de conhecimento; quais sejam, os vinculados aos próprios meios de produção da mensagem: a literatura de cordel, a cantoria nos centros das feiras livres e populares, o gingado da capoeira, o teatro de rua, o palhaço de rua, o folhetim, os circos populares, o pastoril, o boi de reis, o carnaval, entre as diversas manifestações culturais tradicionais que transmitem ao povo a notoriedade da sua existência em sociedade. (NOBRE; GICO, p. 39, 2015).

Neste contexto, entendemos que a partir do momento em que a Folkcomunicação valoriza vozes que resistem a um processo de supressão da sua visibilidade, tendo um campo disciplinar que acolhe esses atores e fenômenos sociais corroboramos com Nobre e Gico (2015) de que a Folkcomunicação pode se enquadrar dentro da conjuntura das Epistemologias do Sul.

## **Procedimentos metodológicos**

Como metodologia principal, a pesquisa pode ser enquadrada como “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, no contexto da Pesquisa Bibliográfica. De acordo com Ferreira (2002, p.01), pesquisas assim são “definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento”. O objetivo é de obter dados quantitativos sobre a inserção da Folkcomunicação nas revistas científicas, para posteriormente discutir com literatura

específica o debate que tentamos elucidar neste artigo.

Para atingirmos os objetivos deste trabalho dividimos a metodologia em duas etapas: primeiro consultamos as revistas científicas avaliadas pela Capes para termos um parâmetro da quantidade de publicações sobre Folkcomunicação dentro deste universo empírico. Após a conclusão da primeira etapa, e provocados pela hipótese inicial de que o número de publicações é baixo se comparado à quantidade de revistas, nos baseamos em literatura específica e debatemos sobre o fenômeno a luz da tese das Epistemologias do Sul, abordada por Boaventura de Sousa Santos.

Para iniciarmos as buscas pelas revistas, consultamos o site do Qualis da Capes<sup>6</sup>, que fornece os estratos de qualificação das revistas científicas nas diversas áreas do conhecimento. No site, foi possível consultar a classificação efetivada no ano de 2015 e na área de avaliação selecionamos a opção Comunicação e Informação (antes Ciências Sociais Aplicadas I).

Debruçamo-nos a analisar as revistas avaliadas com Qualis A1, B1, B2 e B3, disponibilizadas online, pois ainda não temos acesso às edições impressas. Restringimo-nos, ainda, a consultar as revistas que publicam nos idiomas português e espanhol.

A justificava para trabalharmos com as revistas de Qualis B3 é a de que a RIF - Revista Internacional de Folkcomunicação recebe da CAPES esta classificação. Por ser uma revista especializada da Folkcomunicação decidimos incluir o Qualis B3 em nossa amostra.

Sobre a delimitação de nosso campo empírico se faz necessário um esclarecimento: pelo fato de considerarmos a Folkcomunicação uma ciência de resistência nós buscamos analisar somente os artigos que foram fundamentados dentro da ciência folkcomunicacional. Ou seja, não adicionamos aos dados quantitativos aqueles artigos em que víamos o atrelamento entre a comunicação e o folclore, onde era ob-

---

6 <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acessado em: 15 mar 2017.

servado o processo comunicacional, mas os autores por algum motivo não fundamentaram seu trabalho dentro da Folkcomunicação. Só consideramos, ainda os trabalhos que tinham ao menos a palavra-chave Folkcomunicação.

Tendo coletado as informações acessando os portais de revistas, continuamos o processo da pesquisa através da análise descritiva dos dados. Nessa fase se caracteriza a primeira leitura dos dados obtidos na pesquisa. LOPES (2010) diz que a operação da descrição ocorre em dois passos:

O primeiro é constituído por procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados (...) o segundo passo abrange procedimentos lógicos que visam à construção dos ‘objetos empíricos’ e a reprodução do fenômeno nas condições de sua produção. (LOPES, 2010, p. 149).

Apesar da fase de descrição caracterizar uma fase importante do projeto LOPES (2010, p. 151) adverte que quando as pesquisas se interrompem na fase da descrição “Elas não se enquadram na categoria de contribuições *explicativas* da investigação científica” afirma a pesquisadora. Por isso, após a fase de descrição do nosso trabalho iremos prosseguir com a fase de interpretação dos dados coletados.

Na interpretação, ainda segundo LOPES (2010, p. 151), “é quando a pesquisa atinge a condição própria de cientificidade”. Já que os dados já estarão sistematizados pela fase da descrição é possível na interpretação fazer com que os dados dialoguem com o quadro teórico de referência “É somente através dessa fase de elaboração interpretativa dos dados que se pode atingir um padrão de trabalho científico unificado na área de conhecimento da Comunicação” (LOPES, 2010, p. 152).

Nossa interpretação se consolida com a leitura do cenário de publicações em revistas científicas sobre a ciência folkcomunicacional e o enquadramento desta área na tese das Epistemologias do Sul.

## Revistas e Qualis

As revistas científicas podem ser consideradas plataformas de divulgação da ciência e fomentam uma ampliação no alcance do conteúdo para uma amplitude maior de pessoas, tendo em vista que muitas são disponibilizadas em portais na internet. Segundo a Capes foram cadastrados 1382 títulos de revistas da área de Comunicação e Informação, na avaliação feita em 2015.

Com o intuito de classificar a produção e divulgação acadêmica dos programas de pós-graduação, a Capes elaborou um mecanismo de avaliação chamado de Qualis que classifica os periódicos de A1 a C, sendo o primeiro de maior peso e o último de menor valor. Essa classificação segue uma série de parâmetros e procedimentos que permitem a Capes mensurar o andamento dos programas de pós-graduação no quesito divulgação científica.

Consultamos os critérios de avaliação elaborados pela Capes e inferimos que: a indexação é um dos parâmetros de avaliação, ou seja, dependendo de suas características será mais bem avaliado; revistas que não atendem aos parâmetros de indexação que são produzidas por programas ou instituições têm padrões específicos de avaliação como, por exemplo, o tempo de publicação e comitê editorial.

Mesmo a Capes informando em seu site que o Qualis é apenas um parâmetro para avaliação dos programas de pós-graduação, temos a noção de que acaba por hierarquizar as revistas dentro da academia científica, tendo em vista que pesquisadores e estudantes podem ser levados a optar por produzir artigos para publicar em revistas de maior Qualis. Neste sentido, Bourdieu (1983) alerta sobre o campo científico enquanto espaço de luta concorrencial. Para o autor:

O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade “científica” definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder

social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica. Compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado (BOURDIEU, 1983, p. 01).

Dessa forma, é importante dizer que este trabalho está sendo produzido sobre a leitura desse cenário. Faremos nossa análise ponderando também sobre esses critérios de notoriedade das revistas dentro da área científica. Analisar qual o Qualis que está tendo mais publicações de Folkcomunicação é o nosso objetivo específico.

## **O espaço da Folkcomunicação nos periódicos científicos**

Para compreendermos o cenário sobre o qual nos debruçamos neste trabalho, durante o processo de pesquisa acessamos 208 portais de revistas e chegamos ao total de 10 publicações divididas entre artigos, ensaios e até entrevista sobre o tema: Folkcomunicação. Não incluímos nesta contagem a Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF), tendo em vista que todas as edições, por se tratar de uma revista especializada, dedicam seu espaço para ciência Folkcomunicacional, o que poderia provocar distorção quantitativa.

Não constatamos um aumento no número de publicação se levado em consideração os dois anos de análise dos portais (2015 e 2016). A quantidade de artigos é igual a 5 publicações por ano.

Observamos que mesmo se tratando de um campo disciplinar que pode ser considerado marginalizado e que se ocupa de observar fenômenos e práticas resistentes ao campo científico dominante, a penetração da área de estudo se dá mais em revistas de Qualis B1 o que pode ser visto como favorável para a divulgação da ciência na comunidade acadêmica. No entanto, não há publicações ainda em revistas de Qualis A1 e só há 1 artigo publicado em 2015 em periódico avaliado em A2.

Elaboramos um quadro para melhor visualização dos dados pes-

quisados, conforme apresentamos abaixo:

**Quadro 01:** Revistas com publicação sobre Folkcomunicação por ordem de Qualis

| <b>Qualis</b> | <b>Conteúdo publicado</b> | <b>Nome da Revista</b>        | <b>Ano de publicação</b> |
|---------------|---------------------------|-------------------------------|--------------------------|
| A1            | -                         | -                             | -                        |
| A2            | Artigo                    | Palavra Clave                 | 2015                     |
| B1            | Ensaio                    | Comunicação e Sociedade       | 2015                     |
| B1            | Artigo                    | Estudos em Jornalismo e Mídia | 2015                     |
| B1            | Artigo                    | Comunicação e Sociedade       | 2016                     |
| B1            | Artigo                    | Comunicação e Sociedade       | 2016                     |
| B1            | Artigo                    | Razón y Palabra               | 2016                     |
| B1            | Artigo                    | Razón y Palabra               | 2016                     |
| B2            | Entrevista                | Rizoma                        | 2015                     |

Fonte: Elaboração nossa.

Existe, ainda, certa hostilidade de determinados pesquisadores do campo da Comunicação sobre os estudos da Folkcomunicação, configurando um sóbrio resguardo ao epistemicídio<sup>7</sup>. Consideramos que o aspecto quantitativo da pesquisa, exposto no quadro acima, corrobora com essa ideia a partir do momento que, nos periódicos acadêmicos da classificação Comunicação e Informação, são escassas as produções científicas voltadas para a área.

A subjetividade da ideia de pertencimento a um espaço, gerando raízes e afetividade quanto à memória cultural, faz parte do processo de autorreconhecimento identitário humano. Os territórios são

---

<sup>7</sup> Refere-se à supressão de determinadas formas de saber, como o conhecimento popular, invisibilizando a pluralização da diversidade cultural e valorizando apenas pensamentos coloniais e totalitários. Termo cunhado por Santos e Meneses (2010).

permeados de representações substanciais que podem ser visíveis ou inconcretas, mas refletem os moldes de construção da realidade das pessoas. Os grupos marginalizados e socialmente excluídos veem toda essa perspectiva diariamente fluidificada diante da tentativa de supressão hegemônica de parcela da sociedade.

A expressão folkcomunicação legitima a cultura e ideologia de grupos marginalizados, permitindo que seus integrantes desenvolvam suas próprias linguagens e formas de produção da comunicação, configurando a Folkcomunicação como uma prática e ciência contra-hegemônicas, pois:

Ao reconhecer esta pluralidade de culturas e modos de expressão próprios de determinados grupos e segmentos sociais, as teorias da Folkcomunicação partem da premissa de que, mesmo diante de uma ideologia hegemônica, projetada por forças políticas, econômicas e culturais propagadas pela mídia, existem diferentes formas de apropriação da cultura de massa e de construção de outros referenciais simbólicos, por meio da cultura popular. (WOITOWICZ, 2007, p.59).

Por ser uma ciência que dá luz às práticas sócio-comunicacionais de grupos marginalizados e classes subalternas que comumente têm pouca visibilidade no espaço hegemônico dos grandes conglomerados midiáticos ou mesmo pela sociedade civil, a Folkcomunicação é uma ciência que pode ser enquadrada em um contexto que vai de encontro ao positivismo. Os grupos de minorias tendem a ser deslocadas, pelos grupos dominantes, a um contexto de invisibilidade e desvalorização, enquanto que a Folkcomunicação busca reforçar a identidade das minorias e dar luz aos seus discursos. À medida que valoriza o senso comum, a cultura e os saberes populares, cultiva um saber pautado em uma vertente contra-hegemônica, conforme substantia Marques de Melo:

A Folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentan-

do processos de hibridação simbólica. Ela representa inegavelmente uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas (MARQUES DE MELO, 2008, p.25).

A cultura popular tem significado, sentido e subjetividade. A mídia, como ambiente no qual podem circular todas essas linguagens, precisa estar preparada para reconhecer essas manifestações. É importante que haja o reconhecimento e valorização de que no mundo há uma pluralidade de saberes, conhecimentos e práticas socioculturais cuja dinâmica contribui para a contextualização da sociedade que temos hoje, como, por exemplo, o conhecimento dos povos indígenas. Na mesma perspectiva, as culturas e manifestações populares têm tanta importância epistemológica quanto o conhecimento científico sistematizado, mesmo que não esteja enquadrada nos moldes da epistemologia dominante.

É uma estratégia do pensamento colonial e abissal (SANTOS; MENESES, 2010) fomentar a invisibilidade daquilo que não está enquadrado nos padrões e costumes da cultura elitista e hegemônica. A Folkcomunicação emerge como uma ciência alternativa ao epistemicídio para superar o pensamento excludente. Por esse motivo, é insatisfatório perceber o escasso espaço ocupado por esses estudos nos periódicos acadêmicos da Comunicação. É necessário o fortalecimento das redes de pesquisa, debates e produções acadêmicas, de modo que se propicie uma maior ocupação da Folkcomunicação no palco científico.

A comunicação midiática atrelada à cultura popular merece ser resgatada não apenas empiricamente, mas também no campo dos estudos. Assim como Beltrão semeou um legado nessa área, os pesquisadores devem empreender estratégias metodológicas para cultivá-lo, consolidando a Folkcomunicação e seus objetos de pesquisa no campo científico hegemônico. Dessa forma, firmaremos raízes na luta contra o conservantismo científico e colheremos os frutos da resistência a favor da valorização da ecologia de conhecimentos presentes no mundo.

## Considerações finais

Quando nos engajamos em pesquisar sobre o espaço ocupado pelas pesquisas sobre Folkcomunicação nas revistas científicas e levamos em consideração o estrato de qualificação científica (Qualis) elaborado pela Capes, fizemos com o objetivo de obtermos dados de um cenário já existente, pois a Capes sugere que o Qualis deve ser usado por eles apenas para avaliar os programas de pós-graduação. Dessa forma, não temos a pretensão de hierarquizar os periódicos como melhores ou irrelevantes. Todas as revistas tiveram peso de igual medida para nossa avaliação. No entanto, sabemos que no campo científico as revistas de Qualis mais bem avaliados possuem um peso maior e consequentemente uma maior procura para publicações.

Na compreensão de Bourdieu (1983) a capacidade científica de um aluno ou de um pesquisador pode ser mensurada, pela contaminada ideia, do lugar em que ele ocupa nas hierarquias instituídas. Ao propor esse trabalho queremos expandir esse debate e provocar reflexões em quem possa ler o nosso texto, a partir da dúvida, na tentativa de compreendermos se a Folkcomunicação será mais bem reconhecida no ambiente acadêmico se passar a figurar entre os periódicos de maior Qualis. Não sabemos se essa problemática será esclarecida enquanto a Folkcomunicação não ocupar tal espaço, a partir de publicações em que contenham tal conteúdo.

Contudo, decerto, observamos que a fora disso a Folkcomunicação tem aumentado a esfera de adeptos e simpatizantes ao pensamento Beltraniano, a partir das ações da Rede Folkcom, seus pesquisadores e colaboradores com realizações de jornadas científicas regionais, conferências nacionais e encontros internacionais, assim como participações de seus membros coordenando Grupos de Trabalhos (GTs) em congressos quais sejam: Ibercom, Lusocom, Alaic, Intercom. Essa inserção é um tipo de visibilidade que auxilia na divulgação tanto da Rede Folkcom como do campo da Folkcomunicação, e para além disso, reforça o campo das Epistemologias do Sul, na Comunicação Social

As Epistemologias do Sul, dentro da perspectiva abordada neste texto, priorizam o conhecimento comumente suprimido pela ciência positivista e pela hegemonia, como é o caso do conhecimento popular. Este, por sua vez, tem abrangência reduzida apenas à ambiência geográfica onde surgiu, tendendo a ser desvalorizado por um conhecimento que segue o rigor científico, em especial o pensamento clássico.

Beltrão, com sua tese, apresentou uma teoria que abarcava a comunicação de um povo marginalizado, a Folkcomunicação em si é uma teoria que está à margem de temáticas acadêmicas ditas tradicionais, tendo um espaço reduzido nas revistas acadêmicas - exceto quando se trata de uma publicação segmentada. Por conseguinte, a Folkcomunicação, como ciência tradutora e valorizadora do conhecimento popular - invisibilizado pelo viés científico colonizador - faz parte da diversidade epistemológica pregada pelas Epistemologias do Sul.

Consideramos a revista segmentada da área como um espaço de resistência o qual dá luz a uma temática de pesquisa que rompe com o modelo positivista de ciência, contribuindo para a promoção de uma ecologia de saberes. Há 14 anos no mercado editorial de revistas científicas a Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF) representa um suporte para que os pesquisadores da área possam compartilhar o fruto de suas reflexões, projetos, artigos, ensaios e demais conteúdos acadêmicos. A RIF é editada pelo Programa de Mestrado em Jornalismo da UEPG, Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom) e Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, com apoio da Editora UEPG e da Fundação Araucária/SETI.

Avaliamos que a discussão apresentada neste texto é preliminar, especialmente levando em consideração a dimensão teórica que envolve esses conceitos. No entanto, a partir dessa observação incipiente, verificamos que a inserção do legado beltraniano nas revistas científicas ainda é escassa. Devido aos aspectos considerados no tópico anterior, consideramos a Folkcomunicação como uma proposta

científica contra-hegemônica e emergente.

É necessário, pois, que a rede de pesquisadores desse campo intensifique a inserção nos periódicos acadêmicos. Não se trata, porém, de uma valorização exacerbada do produtivismo científico, e sim da necessidade de remover do fosso abissal (SANTOS; MENESES, 2010) a teoria da comunicação brasileira que sublinha a multiplicidade de saberes. Por essa razão, pretendemos, em trabalhos e discussões futuras, dilatar as raízes desta pesquisa e desenvolver essa ideia.

## Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EdPUC-RS, 2001.

BOURDIEU, P. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

NOBRE, Itamar de Moraes; GICO, Vânia de Vasconcelos. A Folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul: reflexões iniciais sobre uma descolonização das ideias. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 13, n. 29, maio/agosto 2015. p. 31-46.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 02. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. [orgs.]. **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHMIDT, Cristina. A Folkcomunicação. In: GADINI, Luiz Sérgio;

WOITOWICZ, Karina Janz (organizadores). **Noções básicas de Folkcomunicação:** uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

WOITOWICZ, Karina Janz. Grupos marginalizados. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (Orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação:** uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007. p. 59-63.